

NAe e suas Vulnerabilidades

By Commander John Patch, U.S. Navy (Retired)

Traduzido por Marco Vendramini (CMG-RM1)

(O artigo traduzido abaixo é de 2010. Nessa ocasião vários setores da Defesa nos EEUUAA discutiam a validade de se continuar construindo e mantendo a mesma quantidade dos caríssimos CVN – Carrier Vessel Nuclear - NAe nuclear – nota do tradutor)

Os NAe nucleares americanos (CVN), especialmente no momento atual de guerra irregular, assimétrica, podem ser um pouco mais do que um alvo lento.

Por ocasião da retirada de serviço do NAe Enterprise¹ se retomou o debate sobre os requisitos para um NAe, mais exatamente o debate foi sobre o custo-benefício. Nessas questões, os analistas sempre desconsideraram, ou subestimam as vulnerabilidades inerentes ao NAe. Esses navios são alvos prioritários em potencial tanto para adversários convencionais quanto não convencionais, porque ele permanece como o navio capital da *US Navy* e é um símbolo do poderio e de prestígio nacionais norte americano. Os propositores do NAe, no entanto, insistem em afirmar que os NAe são inexpugnáveis.

Na verdade, um oponente inteligente poderá muito bem explorar as vulnerabilidades de uma NAe. A perda repentina e inesperada de um NAe, principalmente diante de um ataque assimétrico inesperado, pode chocar tanto militares, quanto a *psique* dos americanos em geral, nesse caso talvez funcionaria como o equivalente militar para as torres gêmeas. A verdade é que um NAe é mais vulnerável do que se costuma acreditar e o *DoD* (*Department of Defense dos EUA*) deveria envidar esforços no sentido de mitigar a exigência de incrementar tais meios.

O debate sobre NAe está vivo, e bem vivo. As pressões devido a revisão quadrienal do *DoD* e a aproximação do descomissionamento do cinquentenário USS Enterprise, inflaram o volume de argumentos, especialmente com relação ao número de NAe *Strike Groups* necessários para atender às demandas nacionais e dos comandantes nas

1 USS Enterprise - https://pt.wikipedia.org/wiki/USS_Enterprise_%28CVN-65%29

zonas de conflito. Além das demandas militares, os estatutos do congresso também interferem no número mínimo de NAe para a Esquadra.

Qual seria o valor de um NAe após o 11/9 ?

Em meio do paradigma de segurança mundial em face das características ambíguas e do caráter irregular, assimétrico, ou de guerra híbrida, essa questão parece ainda não ter respostas. Embora testado em combate nos conflitos convencionais e também sob certos aspectos da guerra não convencional. As estruturas baseadas no NAe e o seu papel permanecem obscuros no ambiente assimétrico.

Avaliações de que o NAe não seja invulnerável não são novas. Os soviéticos debateram intensamente antes de construir um NAe após os anos 60, quando concluíram que NAe de grande porte não se adequaria à era do artefato nuclear, em especial devido a sua vulnerabilidade a mísseis com cabeças de combate nucleares. Embora anos depois Moscou tenha decidido construir um NAe de grande porte, os soviéticos continuam achando que os NAe de grande porte continuam vulneráveis. Nos Estados Unidos, o debate sobre o NAe tem existido desde 1945, mas o enfoque tem sido sempre sobre as missões, seu custo e força, mas nada sobre sua invulnerabilidade.

Presumidamente inexpugnável

O ponto de vista norte americano sobre a invulnerabilidade do NAe é uma presunção perigosa. Os ataques em set/11 demonstraram que a "fortaleza" América é vulnerável, de uma maneira que seus cidadãos e defensores nunca imaginaram. Os terroristas selecionam alvos para obter maior impacto psicológico, empregando métodos assimétricos relativamente sofisticados, e se valendo de muitos princípios de guerra e arte operacional como: simplicidade, sinergia, simultaneidade e profundidade, surpresa, tempo e oportunidade, segurança etc. - *Coincidentemente, a mesma tática kamikaze com que os japoneses surpreenderam os americanos na IIGM, também os surpreendeu no 11/setembro. Será que isso tem relação com a cultura de como nós Ocidentais e cristãos entendemos a vida ? (estimulação do tradutor).*

O plano operacional básico também reflete uma preocupação com a eficiência da estratégia indireta clássica, que é um aspecto chave na guerra assimétrica. Eles

também exploram a “abertura” que pode ser encarada como uma vulnerabilidade inerente ao sistema político democrático, ou seja: um ambiente operacional benigno. Se alguns sauditas podem realizar ataques efetivos ao redor do mundo, porque não poderiam outros adversários fazerem o mesmo nas suas próprias águas jurisdicionais ?

As capacidades típicas de um NAe que nos levam a presunção dessa invulnerabilidade, incluem velocidade, blindagem, compartimentação, tamanho, defesas, santuário das águas azuis, (longe da costa e de adversários) e superioridade tecnológica dos sistemas de armas americanos. Não frequentemente, no entanto, se discute como um adversário suficientemente inteligente poderia explorar tecnologias ou subterfúgios para se precaver desses tradicionais fatores de força de um NAe. Alguns exemplos em potencial disso estão mencionados abaixo e incluem:

- a mídia, os satélites de comunicações e a internet que podem prover a localização e dispositivo dos NAe, quando próximos das rotas usuais de navios mercantes, ou em águas costeiras; muito antes de sua silhueta aparecer no horizonte, a presença do NAe seria óbvia;
- um NAe que não apoie um conflito e que, portanto não precise constantemente de operações aéreas, não estará navegando em altas velocidades, principalmente à noite;
- embarcações rápidas de perfil discreto que navegam em mar aberto estão amplamente disponíveis;
- as portas de acesso aos andares embora blindadas de nada valem quando estão abertas, o que é uma situação típica em baixa prontidão;
- o tamanho da tripulação do NAe e a sua diversidade possibilitam o acesso de clandestinos infiltrados de qualquer etnia;
- embora a propulsão nuclear ofereça uma condição quase ilimitada de navegar, NAe continuam dependentes de *staging areas* e navios de apoio para suprimentos, querosene de aviação e outros artigos; e
- a insaciável necessidade de informações requer que se faça amplo e ininterrupto uso da banda eletromagnética, conectando vários nódulos de vulnerabilidades variáveis.

Uma nova geração de armamentos já está disponível

Tecnologias emergentes e novas classes de armas convencionais avançadas também estão levantando suspeitas sobre a invulnerabilidade dos NAe. Muitos *experts* vêm como ameaça direta à a um *Strike Group* nucleado em NAe quando se aproxima do litoral, o seguinte:

- o recente avanço dos mísseis de cruzeiro anti navio (MCAN² - *ASCM*);
- a capacidade de realizarem operações de inteligência ofensivas;
- nas qualidades de ocultação, submarinos de propulsão diesel, ou nuclear;
- minas de águas profundas; e
- mísseis balísticos anti navio (*ASBM*).

A avaliação de que nos conflitos atuais não há ameaça aparente para os NAe, também se dá porque somente estão sendo considerados adversários sem armas navais convencionais.

Com relação a isso, o uso efetivo de C802 (*ASCM*) pelo Hezbollah contra um navio Israelense em 2006, ilustra bem que o exame da situação pode não prover um quadro com a amplidão das capacidades do adversário. Embora a maioria dos líderes navais evoquem a invulnerabilidade do NAe, o Alte Timothy Keaten admitiu que a capacidade de se defender contra essas novas ameaças é incerta. Mesmo não sendo exatamente o escopo deste artigo é oportuno mencionar que qualquer avaliação quanto a ameaças efetuada pelo *DoD* revela o surgimento uma enorme gama de novos sistemas de armas.

Uma alusão a ameaça representada por essa expansão de armas convencionais avançadas, pode mudar a avaliação do real valor do NAe. Simplesmente se considere que uma crescente ameaça adversária aos NAe requer, concomitantemente, rever as suas defesas e a ala área para mitigar as ameaças. Por exemplo, se a situação de

segurança mudar de tal forma que os NAe sejam ameaçados por novas e melhores armas de maneira similar ao que se viveu na guerra fria, a força da ala aérea embarcada será novamente necessária para defender o *Strike Group*.

A resultante degradação da capacidade ofensiva do *Strike Group*, sem mencionar a significativa alteração do *mix* de armas e aeronaves e o repositonamento da ala aérea e da defesa do navio, podem diminuir o papel principal do NAe que é a projeção de poder. De maneira similar, incrementar as tarefas de defesa dos escoltas de um *Strike Group* poderá reduzir suas capacidades contra a miríade de missões não-combate realizadas a nível regional e que constam de uma honesta estratégia marítima. De fato, um confiável suporte de poderio aéreo, como vivenciado durante as operações *Enduring Freedom* e *Iraqi Freedom* podem não ser mais possíveis em cenários futuros.

O desafio assimétrico

Não obstante as Ameaças convencionais, os NAe são também vulneráveis a armas não convencionais, ou assimétricas. Esse potencial, inclui o terrorismo. A sabotagem, a infiltração, a negação e a dissimulação, incluindo operações cibernéticas e psicológicas, interdição e ataques a *hubs* portuários nos portos base, entre outros. Enquanto vários almirantes desconsideram essas ameaças, alguém, precisa lembrar o choque e a confusão que se seguiu ao ataque de 11/SET.

Uma das razões por que essas ameaças deixam os líderes militares desconfortáveis é que eles são vagos em sua natureza e indiscriminados na sua execução. Um outro fato que incomoda é que há poucas armas no arsenal do grupo nucleado em NAe que se apliquem contra essas ameaças. Finalmente, uma vez que esse adversário não convencional pode assumir qualquer desses significados e talvez ainda métodos desconhecidos para alcançarem seus propósitos, os líderes frequentemente juram que é impraticável se obstar de todas as ameaças potenciais as vulnerabilidades do NAe.

Assim, com a arte operacional preconiza uma rigorosa avaliação do centro de gravidade do adversário, e suas vulnerabilidades críticas: o adversário também pode se valer da mesma habilidade contra nós. A experiência israelense no Líbano em 2006, e um exemplo recente do que se pode enfrentar nesse tipo de conflito híbrido, onde o oponente conhece bem seu adversário e explora a tecnologia para superar as suas blindagens, para direcionar uma intensa e sofisticada campanha de operações de

inteligência e manobrar com as percepções, ameaçando o território do oponente incessantemente com foguetes e barragens de mísseis.

Longe se vão os dias em que as mais sérias ameaças não convencionais eram ignorantes, usavam armamento leve e conduziam ataques improvisados como fanáticos contra alvos difíceis. Um NAe encarado com ameaça, é relativamente fácil de avaliar, pois possui elementos críticos de variável dependência, muitos dos quais podem degradar a capacidade de cumprir missões. Assim, um oponente criativo poderá limitar seriamente um NAe, pelo menos temporariamente.

Qualquer navio pode gerar uma lista básica de vulnerabilidades de uma instalação militar. Suas comunicações, linhas logísticas, moral e prontidão de suas tripulações, mobilidade etc., então porque o *Carrier Strike Group (CSG)* não pode proteger tudo e todos ? Não pode porque o agressor tem a vantagem da surpresa e de selecionar o seu alvo.

Ponderando o impensável

Os defensores do NAe tipicamente omitem essas vulnerabilidades. Ao invés disso, promovem a inerente habilidade do NAe de operar indelével ao longo da costa - enfim uma fortaleza dos mares. É fácil antever por que alguns preferirão, focalizar em situações convencionais branco no preto, em desacordo com alguns de nossos almirantes de NAe.

Quando as ameaças no ambiente dos futuros conflitos forem representados apenas por adversários obscuros, que não façam parte dos atores de relações internacionais, com capacidades imprevisíveis e não definidas, apenas para listar, seguem-se alguns exemplos hipotéticos que podem ajudar a demonstrar as ameaças em potencial para um NAe:

- um NAe operando com um único escolta num dia sem operações aéreas, separado das demais unidades do strike group e aproximado por um pequeno grupo altamente treinado, bem armado de sabotadores, em perfil disfarçado e sem chamar muito a atenção, como navios rápidos durante a noite em águas

internacionais. Eles acessam o navio por meio dos elevadores deixados abaixados, enquanto as condições de prontidão do não estão degradadas e realizam um ataque rápido e de surpresa, lançando granadas no hangar e convés de voo para destruir tantas aeronaves quanto possível antes da resposta da tripulação.

- um estado adversário prestes a tomar algumas pequenas ilhas no golfo pérsico comissiona um pequeno grupo de forças especiais para assumirem o comando de um navio conteneiro, enquanto atravessa o canal de Suez juntamente com um outro NAe, então o navio de containers desvia o seu rumo contra o NAe, resultando no encalhe do NAe e limitando o NAe a dez nós devido às avarias, impedindo-o de realizar operações aéreas por um tempo indefinido.

- um grupo extremista, designado como alvo durante operações da ala aérea embarcada, identifica um navio auxiliar de apoio logístico menos protegido daquela esquadra e o ataca. Com isso combustível, gêneros e artigos essenciais limitam severamente as operações aéreas do NAe por semanas.

Não devemos assumir ameaças do além

Esses exemplos não tem a intensão de estimular a paranoia: servem apenas para apresentar a arte do possível. Então o que poderiam os líderes navais fazer contra um ataque assimétrico a um NAe ?

Primeiro devem admitir que esses ataques são possíveis. Então, realizar uma criteriosa avaliação das vulnerabilidades do NAe, considerando cenários mais drásticos e perigosos, com o propósito inicial de prevenção, confeccionar planos para mitigar as essas vulnerabilidades. Em seguida, por meios de jogos de guerra e dos desenvolvedores de doutrina, deveriam realizar um congresso para apresentar aos combatentes e líderes da Defesa os jogos com as situações onde tanto ameaças convencionais, quanto não convencionais, ou híbridas, podem ameaçar ou marginalizar um CSG.

Isso forçaria os líderes a desafiar as suas posições tradicionais sobre a invulnerabilidade dos NAe. Finalmente, os líderes e os estrategistas deveriam avaliar os planos militares e as capacidades das forças à luz do fato de que os ataques assimétricos podem ocorrer tanto a partir de adversários tradicionais, como não.

Presumir a invulnerabilidade do NAe é perigoso. Isso promove a complacência, previne o saudável pensamento crítico e limita a habilidade de a marinha americana se prevenir e de dar resposta a essa nova ameaça. Como um debate sobre NAe realizado após o contexto da operação Tempestade no Deserto menciona: "O NAe e seus grupo de batalha são instrumentos excepcionais, mas não são *juggernauts* como os seus apoiadores o consideram.

Antes do onze de setembro, a sociedade americana oferecia várias oportunidades para que um bando de muçulmanos no atuassem os EUA por algum tempo. Por que então as pacíficas águas internacionais ou territoriais não poderiam estar provendo um ambiente para operações tão malignas quanto o que vivenciamos no 11/SET ?

Na medida em que a defesa se prepara para efetuar um difíceis decisões *QDR* (*Quadriennial Defense Review*) é a hora adequada para relembrar as vulnerabilidades de um NAe. Como diria o ex presidente George W Bush: tragam isso à tona !

(Ao descomissionar o USS Enterprise, a US Navy com o aporte e aval do congresso prossegue construindo a nova classe de NAe nuclear, o USS Gerald Ford³ é o primeiro dessa nova classe. - nota do tradutor)

Bibliografia

1. The 2005 QDR endorsed an 11-carrier force, which has since been supported by Congress (current plan for 12 in 2019), though the force will drop to 10 upon the CVN-65 decommissioning in 2012.
2. Charles C. Petersen, "Aircraft Carriers in, Soviet Naval Theory from 1960 to the Falklands War," Center for Naval Analyses, Professional Paper 405, January 1984, p. 3.
3. David W. Wise, "Carrier culture shock: The Navy's maritime strategy does not go far enough in reshaping the fleet," Armed Forces Journal, June 2009, <http://www.armedforcesjournal.com/2009/06/4034155> [6] .
4. See Department of Defense, Office of the Secretary of Defense, "Annual Report to Congress: Military Power of the People's Republic of China, 2009," especially chapters 4 and 5.

3 USS Gerald Ford - https://en.wikipedia.org/wiki/USS_Gerald_R._Ford

5. Asymmetric attack/warfare is characterized by several properties: difficult to detect/recognize, dissimilar in type, disproportional in size and effect, avoids strengths and targets weaknesses, and has significant shock value.

6. David Isenberg, "The Illusion of Power: Aircraft Carriers and U.S. Military Strategy," CATO Institute, Policy Analysis No. 134, <http://www.cato.org/pubs/pas/pa134.html> [7] .

Fonte URL: <http://www.usni.org/magazines/proceedings/2010-01/fortress-sea-carrier-invulnerability-myth>

Publicado pelo U.S. Naval Institute (<http://www.usni.org>)